

Módulos em Expansão Correio Braziliense, Brasília, 1997

Grace de Freitas

Athos Bulcão baseia sua obra na estrutura geométrica universal das formas da natureza.

O VI Fórum de Brasília de Artes Visuais coloca-se como o espaço para o restabelecimento da discussão sobre questões pontuais, que envolvem tanto a integração das artes, quanto a obra de um de seus principais artífices, o artista Athos Bulcão.

Realização urbanística e arquitetônica voluntária, Brasília origina-se do “gesto primário” de seu criador; a abstração lógica, os amplos espaços, o equilíbrio assimétrico e a extensão homogênea de seu desenho evidenciam a indissolubilidade da cidade como realidade, como imagem e como símbolo. Ao mesmo tempo em que é objeto de desejo, ela é próxima e distante, fascinante e repulsiva, atraente e rebelde, necessária e insuportável, familiar e impenetrável, oferecida e inacessível, para si própria, para o homem das ruas, para o homem das cidades, para aqueles que a habitam ou que são passageiros, e para aquele que sabe que há aí um lugar e espaço nos quais ele se deixará apanhar por sinais de grande beleza.

Autorizado pelo olhar que a cidade induz, determina, informa, programa e organiza, aquele que se deixa capturar por esses sinais é envolvido no jogo proporcionado pela concretização do conceito de integração das artes.

Fundamentados pela ideia de que a arquitetura é um corpo vivo, os artistas que para aqui vieram originalmente imprimiram suas marcas; o desejo explícito de complementaridade não os impediu de se expressarem em um espaço de liberdade e, dessa maneira, o trabalho que os artistas elaboraram para a visibilidade do conceito se concretizou, tornando contemporâneas as linguagens plásticas que cada um deles utilizou, na invenção de seus próprios prospectos de infinito, situando-se com relação aos artistas que os precederam e àqueles que os sucederão.

Dentro de sua vasta obra, que se expande por múltiplos meios – pintura, escultura, decoração, desenho, artesanato, ilustração, cenografia –, Athos Bulcão cria uma identidade com os projetos arquitetônicos de Niemeyer (e de outros arquitetos), neles inserindo a sua própria marca.

Não importa a escala (monumental, gregária ou residencial): para o artista, trata-se de articular uma linguagem estruturada ao partido escolhido; não importa o material (mármore, granito, madeira, concreto, azulejos), a solução plástica será sempre surpreendente, pelas oposições que constituem: vazio/pleno, geométrica/orgânica, volumes/planos, cores primárias/ausência-presença de cores.

A disseminação de seu trabalho pela cidade se estabelece como um referencial importante para seus cidadãos. Ancorado na estrutura universal das formas da natureza

– a geometria –, seu vocabulário constitui-se em uma gramática que deságua em sua própria sintaxe poética. Com ela, impregnam-se de racionalidade e de emoção estética aqueles que com ela se defrontam.

Rumos

É a partir do diálogo com os arquitetos que o artista inicia seu processo de criação. No Teatro Nacional Claudio Santoro, houve uma mudança de rumos. No início, Niemeyer havia pensado em um grande painel de azulejos, logo depois se decidiu por uma solução em relevos, a curto prazo. Athos adotou, então, a ideia de cubos diversos, quadrados e retangulares e assumiu o branco absoluto. Para este monumental relevo em concreto, utilizou-se do mesmo procedimento que nos azulejos, ou seja, o ponto de partida é uma estrutura modular; no caso, um todo com partes medidas e coerentes, organizadas segundo relações numéricas e volumétricas, rimadas proporcionalmente para serialização, guardando plenos e vazios à imagem do universo ou, em modelo reduzido, à imagem da própria Esplanada que o abriga. Sob o sol do Planalto, estabelece-se um jogo de luzes e sombras, transformando o painel a cada momento, diferenciando suas formas permanentemente, conforme a incidência da luz sobre o branco, enfatizando as oposições de volumes e planos, multiplicando a linguagem da geometria.

De grande visibilidade são os azulejos, sua marca e sua assinatura. Elementos tradicionais da fusão das artes, no barroco litorâneo, Athos transforma-os em elementos integradores em Brasília: Aeroporto, Congresso Nacional, Igrejinha, comércios e residências abrigam essas “pinturas arquiteturais”, tanto em exteriores quanto em interiores.

A função dos azulejos é a de “amortecer a densidade das paredes a fim de tirar-lhes qualquer impressão de suporte”, segundo Lúcio Costa.

Athos Bulcão desenvolve então um sistema próprio para os seus azulejos, ou seja, ele cria uma relação axiomática a partir de formas retas ou curvas e cor primária (cor-energia), para conceber suas variáveis possíveis, dentro de um princípio de geração de combinatórias, que se expandem em série. Com esse sistema, elabora uma estrutura modular, e em muitos casos entrega os azulejos à participação criativa daqueles que os afixam, liberando-os para se expressar dentro da lógica diagramática proposta: o original, a repetição e as variáveis.

Formas despojadas ou complexas, os azulejos de Athos captam o olhar que percorre esse universo sem centro feito de substituições e transposições, repetições e continuidades, que incitam o pensamento dedutivo, reafirmando seu caráter pictórico pela grade da geometria plana. Artista da modernidade, Athos Bulcão amplia seu território no trabalho com esses conceitos, projetando-se na pós-modernidade.